



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Superfícies discursivas e opinião: permanências e descontinuidades na diagramação dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*¹

Discursive surfaces and opinion: permanences and discontinuities in the layout of *O Globo* and *Folha de S. Paulo* newspapers

Laura Guerra²

Palavras-chave: sociedade dos meios; midiatização; editoriais.

O presente trabalho investiga de que maneira a transformação das superfícies discursivas dos editoriais dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* sugerem o *status* da opinião no jornalismo em três contextos: primeiro, a deposição de João Goulart, em 1964; e, em seguida, os *impeachments* de Fernando Collor (1992) e Dilma Rousseff (2016). Trabalhamos as superfícies discursivas como materialidades circunscritas por temporalidades e contextos específicos, tal como a sociedade dos meios (aqui observada nos jornais de 1964) e a sociedade em vias de midiatização (pensada a partir dos jornais de 1992 e a emergência em 2016). Isso quer dizer que, a partir da apreensão de marcas referentes aos formatos que configuram determinados sentidos aos textos, é possível identificar usos variados ao longo de mais 50 anos. Os editoriais são subordinados às lógicas que acompanham o funcionamento social, transformando: (a) novas formas e

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (Bolsista Capes), na linha de pesquisa Mídia e Processos Sociais. É graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), possui graduação completa em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). laurafguerra@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

tempos de leitura; (b) relações entre o jornal impresso com o jornal digital. A exemplo da publicação do link da versão digital no impresso; (c) a contaminação do discurso informativo e opinativo; (d) seções a partir das quais os editoriais são subordinados; (e) uso de cor, gráfico, imagens, charges.

Escolhemos os editoriais da *Folha de S. Paulo* e *O Globo* como objeto de análise, pois neles emerge a posição do jornal frente aos principais acontecimentos sócio-político-econômicos do país e do mundo. É o espaço singular onde os jornais chancelam sua opinião e hierarquizam acontecimentos, tendo como objetivo produzir um ponto de vista avaliativo doutrinário sobre episódios fortes o suficiente para ingressarem no discurso opinativo. Assim, se firmam como uma área de conversação específica com seus leitores, uma vez que falam em nome da instituição jornalística sobre os principais impasses no âmbito social, político e econômico. Lidamos com dois objetos empíricos marcados por temporalidades diferentes das décadas de 1960 e 2000, atravessados por lógicas midiáticas diversas. Apontamos que não se trata de uma comparação entre contextos e, sim, uma comparação entre duas coberturas de acontecimentos que são trabalhadas em operações singulares. Tal premissa nos situa na problemática discursiva, partindo da noção que define o texto como uma superfície discursiva em contato com um universo maior a partir do qual se engloba fotos, títulos, charges, etc.

É necessário ressaltar que, neste recorte, não realizamos a análise de marcas discursivas segundo preocupações mais “ortodoxas” da leitura de discursos, embora entendamos que o exame de questões técnicas, gráficas e estéticas tem algo a ver com aspectos semióticos. Ou seja, os jornais anunciam sua existência e convidam o leitor a estabelecer vínculos com eles no âmbito da cotidianidade também segunda operações nas superfícies das páginas. O que não significa que desconsideramos a importância das operações propriamente ditas, mas que – neste momento – investigaremos em torno desses aspectos.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Em nossa perspectiva, tais contextos apontam para lógicas comunicacionais distintas. Falamos, por exemplo, da noção do meio ocupante de um lugar central na chamada sociedade dos meios e, por outro lado, a transversalidade das relações na sociedade em vias de mediação. Para essa discussão, utilizamos o conceito de mediações, proposto por Martín-Barbero (2003), e contribuições de autores como Verón (1997) e através de autores presentes na obra **Mídia e processos sociais na América Latina** (2008) sobre mediação. É uma parte do trabalho dedicada ao resgate teórico para entender como um conceito complexifica o outro. Os nossos objetos demandam esse debate uma vez que seja necessário compreender como os dois conceitos nos ajudam a pensar o espaço ocupado pelo meio.

Tendo em vista esse espaço – da centralidade às relações transversais mais complexas – são necessárias estratégias de elaboração de superfícies discursivas na busca de preservação do leitorado dos jornais, tema da nossa investigação. Para isso, de forma comparativa, realizamos leituras discursivas de elementos gráficos, técnicos e estéticos dos editoriais para identificar transformações. Uma delas, por exemplo, é o uso de infográficos em editoriais recentes que nos indicam a contaminação do discurso informativo no opinativo e até uma maneira didática do jornal fazer valer a sua opinião – o que não é observado nos editoriais selecionados de 1964. Ao longo da temporalidade, acentua-se um teor mais tecnicista e didático ao explorar linguagens como a infografia nas estratégias narrativa, tornando o editorial mais parecido com a produção noticiosa convencional ou com reportagens especializadas em economia. Isso, no entanto, não quer dizer a perda total do seu posicionamento crítico frente aos impasses sociais até porque os infográficos podem ser igualmente argumentativos.

Outra bem significativa – pré-observada nos materiais – é a relação ao projeto editorial d’*Globo* de 2016. Este jornal subordina alguns de seus editoriais à outra lógica, configurando a seção comumente conhecida como **Opinião em Tema em discussão**, onde há uma noção de debate de ideias sobre um tema específico a cada publicação. Ocupa o mesmo lugar que os editoriais convencionais, porém se configura no espaço



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

dividido em dois lados, o primeiro, intitulado **Nossa opinião**, e o segundo, intitulado **Outra opinião**, que abre o debate para alguma figura pública opinar sobre determinado assunto. Assim, determinado tema é refletido por duas opiniões: a do jornal e de um leitor-especialista. Avaliamos como uma estrutura de opinião que se complexifica no espaço jornalístico. O jornal permite o debate, cede espaço argumentativo para o leitor-especialista e, ao mesmo tempo, não abandona o próprio *status* opinativo.

Tal transformação representa a subversão da lógica do editorial como espaço exclusivo da opinião do jornal quando o mesmo abre espaço argumentativo para um leitor-especialista. Mesmo que a presente seção seja publicada eventualmente e, não, diariamente, é umas das marcas mais significativas. Não queremos dizer que o discurso se flexibiliza de alguma forma. A ideia do editorial como campo de lutas (FAUSTO NETO, 1994) significa dizer que é um texto que se propõe a resolver impasses, polêmicas e crises do campo social. Entendemos que se intensifica essa noção ainda mais, pois o discurso “do outro” é ali exposto em tensão com o discurso do jornal. Não há substituição de um pelo outro e, sim, um mecanismo que os coloca em debate. Classificamos como um efeito da midiatização na medida em que o jornalismo perde sua exclusividade como voz representacional do campo social e precisa dar conta de um fenômeno amplo atravessado pelo opinionismo exacerbado. Logo, só a opinião do jornal não basta. Quando se trata de editoriais, essa ideia de exclusividade era acentuada, pois o texto do mesmo não se articula segundo fontes, entrevistas e levantamento de dados - típicos de produção noticiosa; é, pelo contrário, um espaço tradicionalmente destinado à avaliação do jornal como empresa ou como instituição. No caso de **Tema em discussão**, portanto, existe a perda do caráter exclusivo d’*O Globo* e, em nossa perspectiva, a acentuação de disputas, conflitos, tensões de opiniões contrárias, configurando uma nova dimensão do campo de lutas.

Utilizaremos alguns aspectos da perspectiva de Verón (2004) sobre a leitura de discursos, pois encontramos na obra do autor uma linhagem de estudo que valoriza



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ângulos textuais e extratextuais. Definimos como marcas mais amplas que podem ser consideradas como condição de produção de discursos. O que nos interessa como analistas de discurso são as dinâmicas ou os processos da produção a partir do produto que, no nosso caso, é o texto da mídia impressa, especialmente a moldura que envolve o mesmo (VERÓN, 2004). Isso também tem a ver com as ideias de Mouillaud (1997) que entende o jornal e o texto em genética. No nosso caso, portanto, o texto do editorial está inscrito no dispositivo jornal e, conforme Mouillaud, são o “gerador um do outro, sua relação é uma relação dinâmica” (1997, p.34). Por isso, é necessário identificar quais outros discursos dividem a página com os editoriais.

Devido ao grande número de editoriais sobre esse conteúdo, escolhemos aqueles que apresentem maiores modificações em suas estruturas em prol da acentuação do teor argumentativo do jornal. O editorial como espaço argumentativo e opinativo exige que os acontecimentos sejam fortes o suficiente e configurem-se como impactantes para que se apreenda o assunto e o inscreva na lógica opinativa – os três episódios selecionados são de interesse público e são desenvolvidos pelo jornalismo com abrangência. Para Sousa (2001), o espaço opinativo é nobre, ou seja, nem todos os assuntos mobilizados na edição adquirem condições de serem transformados em artigo de fundo. O editorialista é atravessado por várias premissas, como as da cultura organizacional da empresa jornalística à qual trabalha, ao público para quem escreve e, também, às diferentes opiniões do campo social (SOUSA, 2001). Em relação à última premissa das opiniões correntes, podemos pensar que o editorialista observa além do acontecimento em si, mas também o que ele gera como polêmica no âmbito social. Acontecimentos que atingem a vida da sociedade como um todo, portanto, são eleitos fortes o suficiente para os critérios do editorial.

Por mais que se estabeleçam padrões de diagramação do jornal, existem formas de rompimento de determinados modelos a partir de alguns aspectos. Assim, buscamos entender quais acontecimentos geraram rompimentos do modelo editorial dos



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

periódicos estudados, segundo processos em que os jornais destacam temas de maior relevância ao seu leitor e o convidam a ingressar na página através das operações específicas, ofertando sentidos no discurso visual.

Referências bibliográficas

FAUSTO NETO, Antonio (Org.); GOMES, Pedro Gilberto (Org.); BRAGA, José Luiz. (Org.); FERREIRA, Jairo (Org.). **Mediatização e processos sociais na América Latina**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 1.

FAUSTO NETO, Antonio. Vozes do impeachment. In: MATOS, Heloiza (org.). **Mídia, eleições e democracia**. São Paulo, Página Aberta, 1994. P.159-189.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Bocc, Porto, 2001. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em 10. Nov. 2017.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Diálogos**, n.48, p.9-17, 1997. Disponível em https://comycult.files.wordpress.com/2014/04/veron_esquema_para_el_analisis_de_la_mediatizacion.pdf>.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.